

# CORREIO POLÍTICO

Ricardo Stuckert/PR



Renan com Lula e Renan Filho: tem jogo no MDB

## Lula pode ir com o MDB de vice?

No dia 17 de dezembro, Lula teve uma reunião com os senadores Renan Calheiros (AL) e Eduardo Braga (AM), dois dos principais caciques do MDB que são seus aliados dentro do partido. Foi a sondagem mais explícita que Lula fez quanto à possibilidade de ter um vice emedebista no lugar de Geraldo Alckmin (PSB) nas eleições de outubro. Renan e Braga disseram a Lula que, diante de um convite formal, a ala governista do partido conseguiria, sim, aprovar a aliança na convenção partidária. Na avaliação dos dois senadores, hoje o comando do MDB, concentrado em São Paulo, é aliado do governador do estado, Tarcísio de Freitas (Republicanos). Mas essa não seria a maioria.

### Não é proporcional aos estados

Especialmente pela força interna que têm no MDB suas seções do Pará e de Alagoas. Na convenção do MDB, os delegados não são escolhidos de forma proporcional ao tamanho dos estados. Mas de acordo com a performance regional do partido. Assim, estados onde há mais prefeitos, mais deputados, mais senadores, têm mais delegados. Nesse sentido, o Pará, governado por outro aliado de Lula, Helder Barbalho, é quem tem o maior número.

Wilson Dias/Agência Brasil



Temer e Dilma: eterno trauma no PT

## Seria, porém, um jogo de grande risco

E Alagoas, comandada por Renan, é outro estado internamente forte também. Assim, Renan e Eduardo Braga disseram a Lula que a chance irá depender dos cálculos que o MDB fizer. E que, como vice-presidente, tais ganhos poderiam ser consideráveis. Numa campanha vitoriosa desde o início, engordaria a chance de formação de palanques regionais, especialmente quando se verifica a dificuldade de composição pelo centro na chapa de Flávio Bolsonaro (PL). Mas Lula sabe também o quanto é complicado fazer acertos com o MDB.

### Lula já foi contra

Em 2002, Lula não teve formalmente o MDB em seu primeiro governo. E, no caso, a responsabilidade por não ter havido esse acerto foi do próprio Lula. Ele desautorizou José Dirceu, que seria seu ministro da Casa Civil, a fechar os acertos que fazia com o então presidente do partido, Michel Temer. A falta de acerto com o MDB deu no Mensalão.

POR  
RUDOLFO LAGO

### Divisão

Divisão interna sempre foi o sinônimo do MDB. Ir, portanto, para uma convenção nessas características, não seria uma novidade. O problema é que, às vezes, isso vira divergência física mesmo. Uma convenção do MDB no plenário da Câmara terminou uma vez com uma briga que quebrou o vidro do plenário.

### Temer

No caso do PT, há ainda o trauma com Dilma Rousseff, que teve como seu vice Michel Temer. Embora Temer negue, há uma desconfiança muito grande de que ele tenha ajudado a tramcar o impeachment de Dilma. Afinal, ele viraria presidente, e quem comandou o processo foi seu aliado, Eduardo Cunha.

### Corpo mole

Outro problema, no caso, é que ainda que a ala governista vença a convenção certamente não conseguirá que o MDB inteiro apoie a reeleição de Lula e que todos trabalhem para ele. Provavelmente, isso não acontecerá no Sul. Não acontecerá em São Paulo. Na verdade, nunca aconteceu em eleições anteriores.

### Cálculos

Os cálculos, então, precisariam levar primeiro em conta o grau de risco da aprovação em uma convenção disputada. E, depois, a agregação de apoio em determinados estados. No caso do Nordeste, Lula teria já esse apoio. Onde mais a troca do vice somaria, é o que será preciso calcular. E isso passa também pelo perfil de quem for escolhido.

### Quem?

Um nome do Nordeste talvez agregasse pouco. O governador do Pará, Helder Barbalho, talvez colocasse alguém forte partidariamente, mas de um estado que é apenas o nono colégio eleitoral. A ministra do Planejamento, Simone Tebet, poderia agregar por ser mulher e ter sido terceiro nas últimas eleições.

### Alckmin

Finalmente, Lula teria que calcular se vale a pena perder um vice como Geraldo Alckmin. O vice-presidente lhe tem sido fiel e útil. Lula calcula que ele poderia ter chances se disputasse o governo de São Paulo, coisa que Alckmin não deseja. Até porque, ali, a parada contra Tarcísio de Freitas não será simples.



CAE aprovou uma série de depoimentos sobre o Master

# Comissão do Senado avança no caso Master

## Parlamentares desconfiam de atuação do STF, diz pesquisa

Por Beatriz Matos

A investigação do Senado Federal sobre o colapso do Banco Master avançou nesta terça-feira (10) com a aprovação de uma série de convocações pela Comissão de Assuntos Econômicos (CAE).

A apuração, que ocorre em paralelo às investigações da Polícia Federal (PF) e a processos em curso no Supremo Tribunal Federal (STF), tem como foco esclarecer responsabilidades, falhas de fiscalização, ter acesso a documentos sigilosos e ainda investigar eventuais conexões institucionais que permitiram a atuação do banco por anos no sistema financeiro.

No centro das apurações estão os sócios do Banco Master, Daniel Vercaro e Augusto Lima, que tiveram convites aprovados para prestar depoimento à comissão. Os dois são apontados como personagens centrais do caso que revelou operações bilionárias e levantou questionamentos sobre mecanismos de controle e supervisão do sistema financeiro nacional.

Além dos controladores do Master, os senadores aprovaram a convocação do ex-presidente do Banco de Brasília (BRB) Paulo Henrique Costa. A oitiva busca esclarecer a atuação do banco público e os vínculos mantidos com o Master, ampliando o alcance institucional da investigação para além dos sócios da instituição privada.

A CAE também aprovou convites para ouvir autoridades e ex-dirigentes de órgãos de controle e fiscalização. Estão previstos depoimentos do presidente interino da Comissão de Valores Mobiliários (CVM), Otto Lobo; do presidente do Tribunal de Contas da União (TCU), Vital do Rêgo; do diretor-geral da Polícia Federal, Andrei Rodrigues; do diretor de fiscalização do Banco Central (BC), Ailton de Aquino; do ex-diretor do BC Paulo Sérgio Neves de Souza; do atual presidente da autarquia, Gabriel Galípolo, e do ex-diretor do BRB Jaques Henrique de Melo.

Ainda não há calendário definido para as oitivas. Segundo os senadores, a expectativa é que as datas sejam organizadas ao longo da segunda quinzena de fevereiro.

### Pesquisa

O avanço da comissão ocorre em paralelo à divulgação de uma pesquisa do Ranking dos Políticos, que aponta confiança maior do Congresso no Banco Central (BC) do que no Supremo Tribunal Federal (STF) na condução do caso do Banco Master. O levantamento foi realizado entre 28 de janeiro e 3 de fevereiro e ouviu 108 deputados federais, de 18 partidos, e 30 senadores, de 12 legendas, com margem de erro de 6,5 pontos percentuais.